

EM BUSCA DE TRABALHO, PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS... *

Maria Gisele Peres¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões que foram realizadas no curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Uberlândia sobre as experiências de trabalhadores latino-americanos na cidade de Uberlândia. A proposta é discutir quem são esses sujeitos que deram a base para minha pesquisa. A intenção não é de apenas demarcar suas nacionalidades, mas perceber os processos identificatórios que os levam a se reconhecerem enquanto um grupo. Também analiso como se relacionam, com quem se relacionam e os espaços que ocupam como um local de trabalho, como o lugar de uma dinâmica social complexa.

Palavras-chave: culturas; cidadania; trabalho; experiências.

Abstract: This article has the objective to show some reflections that were carried out in the course of Master Degree in History in the Federal University of Uberlândia about the experiences of Latin-American workers in the city of Uberlândia. The propose is discusses who these subjects that gave the base for my research. The intention is not only demarcate his nationalities, but understand the indentification processes that they take them to be recognized while a group. Also I analyse how they relate with who they are connected and the spaces what they occupy like a place of work, like the place of dynamic social complex.

Kywords: cultures; citizenship; work; experiences.

Este artigo tem como proposta refletir sobre questões que por muito tempo me incomodaram. São questões que chamam a atenção quando vejo noticiários de televisão, reportagens de jornal ou mesmo quando leio textos historiográficos que me levam a indagar: será que ao definirmos nossos países podemos mesmo nos definir como cidadãos? Será mesmo imprescindível retomarmos lugares de origem e a partir daí definirmos modos de ser e viver?

Essas são questões que me tocam principalmente quando pergunto a uma pessoa que vive sua vida de forma itinerante para que defina seu pertencimento. Na tentativa de mais uma vez encaixá-la em um determinado lugar, a resposta se dá de forma simples: "*[...] não sou uruguaio, nim brasileiro, nim nenhuma cosa, eu sou um ser humano...*"².

* As reflexões presentes neste artigo fazem parte da dissertação de mestrado "Para além das fronteiras: Culturas e Experiências de Trabalhadores Latino-americanos. Uberlândia, 1990-2007", orientada pela Profa. Dra. Célia Rocha Calvo, no Curso de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, defendida em 26 de junho de 2008.

1 Professora de História da rede de ensino do Estado de Minas Gerais (E. E. Maria da Conceição Barbosa de Souza). Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia.

2 Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

Como fechar os olhos a uma resposta que desestrutura minhas certezas e continuar trabalhando com conceitos fechados? Como não perceber aquilo que se apresentava diante de meus olhos? Essas são perguntas que apareceram durante a pesquisa de mestrado que realizei e que orientaram meu olhar sobre as vivências de trabalhadores latino-americanos (não-brasileiros) com os quais dialoguei e que agora apresento a você leitor.

Ao caminhar por Uberlândia, principalmente por sua região central, pude perceber a presença de uma grande diversidade de pessoas que para cá vieram por diferentes motivos. É na Praça Tubal Vilela – ponto central da cidade e referência para a maioria dos que vivem nela – um dos locais onde encontrei esta multiplicidade de pessoas e percebi de forma mais clara os contrastes sociais existentes.

Palco de diversas manifestações culturais e políticas, é nesta praça que mundos diferentes se encontram em uma relação desigual de poder³ fortemente marcada pela presença constante de policiais e de fiscais da Prefeitura Municipal que buscam garantir a “organização” desse espaço. Neste local é travada a batalha cotidiana pelo direito ao trabalho, ao lazer, à diferença, à cidadania. Por meio da diversidade ali presente é possível perceber as diferentes maneiras de disputar o espaço social da cidade.

Nas idas e vindas a esta praça percebi que a presença de trabalhadores latinos (não-brasileiros) é um dos modos possíveis de identificar as tensões, a batalha cotidiana pelo viver e os diferentes usos que são requeridos nas relações que constituem os espaços da cidade.

Interessada nas marcas construídas nas vivências desses trabalhadores latinos na maneira como registram suas diferenças, perguntei durante uma entrevista ao Sr. Marcelo Rodriguez, uruguaio de 52 anos, artesão que trabalha na Praça Tubal Vilela, se havia amizade entre as pessoas que também ali trabalham, e ele disse:

Não, não. Eu vou te falar, aqui, é, na praça, em geral a relação é de companheiro de trabalho só. Não dá pra muito mais. [...] Mas isso já é muito bom porque na rua você o máximo que pode esperar da rua, así, quando a gente trabalha así é que o companheiro não te roube nada, que se você vai ao banheiro ele cuida pra ti, esse tipo de solidariedade no trabalho.⁴

Interpretando sua narrativa como constitutiva de suas experiências e que, por tanto, permite perceber as tensões e necessidades que compartilha com

3 Antônio A. Arantes discute diferentes questões relacionadas ao espaço público conduzindo à reflexão de como se estrutura o espaço social enquanto “um espaço limiar”, onde diversos mundos estão em guerra, onde fronteiras sociais e espaciais são rompidas e recriadas constantemente separando práticas sociais e visões de mundo antagônicas. Um espaço que se torna híbrido devido às inúmeras categorias sociais que nele imprimem seus modos de viver, tornando-se visíveis por meio das práticas e relações que tratavam no espaço que ocupam. Ver: ARANTES, Antônio A. **Paisagens paulistanas**: transformações do espaço público. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

4 Entrevista com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 21 de fevereiro de 2006.

seus colegas de trabalho, busquei traduzir seu enredo como uma forma de significar o que é estar ali, trabalhar e entrar em contato com pessoas que não foram escolhidas por ele para conviver, mas que fazem parte de seu dia-a-dia, sendo “companheiros” nas disputas vividas ali pelo direito à diferença, de organizar e realizar o trabalho, de produzir memórias, de estarem na praça e se reconhecerem naquelas relações.

Quando em uma outra entrevista, agora realizada em sua casa no Bairro Martins, próximo ao centro da cidade e, portanto, também próximo da Praça Tubal Vilela, interessada ainda em entender as diferenças e tensões que compõem os espaços da cidade, lhe pergunto sobre uma possível disputa na praça entre os trabalhadores, já que ele mesmo trouxe em suas narrativas as tensões que se dão nas relações estabelecidas com os outros, e o Sr. Marcelo diz:

Não, não, não, pior que isso aí, é... oh, não é com todo mundo, tem muita gente legal, mesmo Norca así essa gente es legal, entendeu? Mas tem aí alguma pessoa que você tem que agüentar a cabeça dele, sabe como é a rua, né? Falando grosserias das mulheres, fofocando, um cara, um homem, entendeu? É, ele também meio (inaudível) es um personagem muito escuro, entendeu? Aí ele falou mal de mim pra amigos, mis amigos, falou a meus amigos mal de mim ao ponto que meu amigo me falou: “eh, se você tem que falar algo de mim...” sei lá, digo: “oh, foi aquele...”, foi, não tem outro, é aquele, né? Aí ele pediu pra mim ensinar algumas coisas pra ele usar quando ele for embora a seu país é porque ele trabalha com outra coisa, aí ele começou a, como falam vocês aqui, a me xingar... É, ensinou as minhas coisas pra outro cara que está revendendo artesanatos e mais alguma coisa e estão tentando hacer o mesmo que eu, o engraçado é que eles são horríveis... Graças a Deus eles são horríveis, as coisas que estão fazendo são muito feias e ninguém compra deles mas eles estão com uma sânia así, olham pra nós todo o tempo pode crer, así, como (inaudível) com olho grandão.⁵

Percebi que ao mesmo tempo em que há uma solidariedade entre esses trabalhadores nestes espaços, também ocorrem disputas entre eles próprios, explicitando suas diferenças no modo como lidam com a rua. É neste sentido que compreendo que estar nesses espaços da cidade significa entrar em contato com “mundos diferentes” (ARANTES, 2000).

Essa percepção de que as relações estabelecidas por eles se dão por meio de suas diferenças conduziu ao interesse de entender como elas são constituídas entre os trabalhadores na praça ou mesmo com seus vizinhos. Assim, refletindo e insistindo sobre esta problemática em outras entrevistas, indaguei ao Sr. Edwin Lars Sota León, peruano, músico de 36 anos que vivia no Equador antes de vir para o Brasil, que respondeu:

No, no, no [...] aí de vez em quando sempre existe uma briguinha com algum camelô assim, né, que, sempre tem algum enjoadinho por aí, né? Que, que quiere briga, que não se coloca perto dele barulho e todo eso, sempre tem, tem, tem,

⁵ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

tem existe ou tem alguém que passa “é, é...”, aqui não, em Brasília aconteceu, né? De falar “Ah essa música enjoada”, um cara así que tem algum problema mental, sempre tem.⁶

Compreendo que os trabalhadores latinos são vistos como “os outros”, mas nas relações que estabelecem também constroem o seu “outro”, seja ele brasileiro ou mesmo de outras nacionalidades. Isto conduz à idéia de que as identificações se dão pelas relações construídas, pelos laços de solidariedades que se formam, pelas experiências vividas em comum e não por meio dos registros jurídicos de seus nascimentos.

Neste espaço composto pela diversidade, as tensões são constantes e as vivências nem sempre tranquilas. Assim, o que se torna interessante na narrativa do Sr. Edwin é que ele não parece colocar seus interesses em disputa com os interesses das classes dominantes da cidade, mas nas diferenças presentes nos espaços da cidade ao se referir aos outros trabalhadores nas ruas como “camelôs”.

Desta forma, assim como ele é visto como diferente, como estrangeiro, como o músico andino que incomoda, também se relaciona com as outras pessoas tendo como horizonte que os “outros” não fazem totalmente parte do seu universo de valores que referenciam sua prática social, embora em alguns momentos possa compartilhar com eles certas experiências e expectativas.

Essas tensões nas relações com os “outros” trabalhadores também se presentificam nas narrativas do Sr. Marcelo. Quando, durante uma entrevista na Praça Tubal Vilela, pergunto-lhe novamente sobre seu trabalho na praça e a convivência com os demais trabalhadores que ali estão ele responde:

[...] é tem alguno personagem que geralmente, no los que estão estáveis, geralmente gente de passo que tratam de mexer com los lugares da gente, entendeu? Ai tem aquele papo “olha a gente faz tempo que está aqui”, mas até agora não deu problema graves, entendeu? Así, confrontos, só de bate-papo, de, de falar, por exemplo, ‘oh, hoje fica’ como esta gente, ali tem gente, hoje eles não vão a venir porque fizeram Camaru ontem, mas é se eles vem nós temos que falar ‘oh, rapaz tudo bem trata o (inaudível) porque os caras tan vendendo ali.’

Há divergências que se concretizam nas relações também com os que são considerados de fora, a “gente de passo”⁸. Estes, embora possam estar na mesma situação que o Sr. Marcelo, não são reconhecidos por ele como pertencentes àquele espaço.

Estas tensões exprimem valores que delimitam o que seria o justo ou o injusto, o certo ou o errado para regular os usos e a permanência naquele

6 Entrevista realizada com o Sr. Edwin Lars Sota León, em Uberlândia, no dia 14 de junho de 2006.

7 Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

8 Idem.

espaço. Assim, essas divergências são elementos que constituem as disputas pelo modo de organizar as relações nesse local que, embora expresse uma tensão, também permite compreender como se dá o viver desses trabalhadores na praça. Se por um lado há a defesa do espaço de seus colegas de trabalho que, assim como ele, já conquistaram o “direito” àquele lugar, por outro, há a consciência de que ele também faz parte dessa “gente de passo”⁹, o que lhe conduz a aceitar provisoriamente aquela situação até que aqueles consigam também ter seu lugar.

Essas tensões e/ou solidariedades entre diferentes sujeitos são percebidas com mais clareza no cuidar do “outro” como uma forma de “preservar” aquele espaço. Assim, elas estão presentes nos momentos mais corriqueiros como o de olhar os produtos de seu colega enquanto ele vai ao banheiro ou precisa almoçar, e em momentos de maior tensão quando a fiscalização da Prefeitura Municipal se intensifica, o que permitiu refletir sobre as experiências desses trabalhadores latinos não de forma isolada, mas em suas mútuas relações que são compostas por conflitos e estratégias para andar e/ou permanecer no país e requerer seus direitos.

Estar ali e conversar com os trabalhadores latinos da Praça Tubal Vilela me fez perceber que, embora este espaço seja marcado por conflitos, também é um lugar de passagem para os que se dirigem a seus trabalhos ou escolas, a lojas, consultórios odontológicos e hospitais, tornando-se, assim, um lugar de trabalho, de diversão e ponto de encontro com velhos amigos.

Nessa perspectiva, os trabalhadores também convivem com estudantes que passam em direção a suas escolas ou a algumas faculdades que ficam no centro da cidade; donas de casa que vão às compras ou pagam contas nos bancos e lotéricas que se localizam nas ruas próximas à praça; aposentados que jogam dama e passam o tempo conversando; desempregados que se dirigem ao SINE¹⁰ em busca de trabalho; pedintes que aproveitam o intenso movimento de pessoas para conseguir algum dinheiro para sobreviver; ciganas que lêem a sorte.

São as diversas produções dos espaços da cidade por esses diferentes sujeitos que ao transformá-los referenciam a praça como um local de relações. Não importa a maneira como são produzidas todos os dias por esses agentes, mas, de uma forma ou de outra, as pessoas nela estabelecem relações.

Nas cenas da vida cotidiana a diversidade torna-se explícita e as diferentes formas de produzir, transformar e dar sentido à praça se fazem presentes. Embaixo das copas das árvores que contornam a praça, buscando fugir do sol do cerrado, são constituídas as práticas e as relações desses trabalhadores. É neste espaço que, aparentemente, não sendo de ninguém e sendo ao mesmo tempo de todos, estes sujeitos sociais se tornam visíveis e expressam suas diferenças.

9 Idem.

10 Sistema Nacional de Emprego.

Uma visibilidade perceptível também na maneira como vivenciam as desigualdades e necessidades que compõem a vida na cidade. Trabalhar neste local significa não apenas ocupar espaço, mas transformá-lo imprimindo uma marca, expondo necessidades e lutando por uma vida digna.

Assim, em meio a outros que ali se encontram vendendo passes de ônibus, convênios de saúde, artesanatos, guarda-chuvas, picolés, pipoca, ervas medicinais, revistas e jornais, cartões telefônicos, etc, eles se constituem fazendo-se autores dessas ações. Nesse espaço convivem também com taxistas, policiais, entre outros, o que exprime a diversidade do local no qual se concretizam muitas e diferentes ações, onde pode ser encontrado o que é de uso e de aspiração daqueles que por ali circulam.

No entanto, se por um lado busquei compreender a diversidade que constitui este espaço, noutros registros essas cenas são obliteradas por um olhar que quer apagar essas diversidades e diferenças sociais. No artigo "Uma praça, numa cidade: patrimônio histórico e cidadania cultural" (ROCHA, 2006: 61-75), Célia Rocha Calvo mostra como a imprensa produz e divulga a idéia de uma praça ícone dos projetos das classes dominantes. Ao mesmo tempo, a autora questiona esta memória que a imprensa quer fortalecer por meio das narrativas orais de trabalhadores que significam de forma diferente os espaços da cidade.

Calvo chama a atenção para a forma como é construída a idéia da necessidade de preservação da praça enquanto Patrimônio Histórico. Vista como o ícone das classes dominantes, a memória que se busca fortalecer é aquela que afirma o poder dessas classes que ali estão representadas por vários monumentos. Desta forma, são eleitos alguns espaços da cidade como representativos de uma certa memória que se quer hegemônica e que se distancia dos diferentes viveres da população. O passado torna-se, assim, um espetáculo ao qual devemos apenas assistir sem refletir sobre ele. Busca-se fixar quem são aqueles que têm o direito à memória, expropriando dos cidadãos o direito de se reconhecerem na história e, sobretudo, na cidade.

Assim, a praça, transformada em idéia, passa a significar o triunfo de determinados interesses, e isto cria uma certa hierarquia de espaços na cidade, o que conduz à questão sobre que tipo de atividades e quais pessoas podem ser vistas como dignas do espaço público.

Se por um lado há a tentativa pela classe dominante de atribuir significado e restrições aos diversos espaços que constituem a cidade, por outro há também significações e imagens que são construídas socialmente em torno dos trabalhadores que transformam quotidianamente estes espaços dando-lhes outros significados. No caso específico dos trabalhadores latinos é evidente em suas narrativas a problemática de como eles se vêem e são vistos nas relações sociais que estabelecem e como buscam delimitar seu lugar como um lugar de direitos, por se requererem cidadãos, ainda que a origem seja de diferentes países.

Na entrevista que realizei com o Sr. Marcelo foi explícita a necessidade que sentiu em romper com o "estigma" a ele atribuído devido ao modo de viver e trabalhar que possui. Ao ver-me como uma pesquisadora, este artesão buscou

desconstruir uma visão que é propagada socialmente e que aparece constantemente na mídia, seja ela impressa ou televisiva, e que poderia ser também a minha, já que em seu viver é isto o que este trabalhador percebe.

Quando lhe perguntei, durante uma entrevista na Praça Tubal Vilela, local onde vende e produz seu trabalho, sobre como é o relacionamento com os brasileiros, o diálogo seguiu da seguinte forma:

É, vou te falar, em geral o mineiro é gente muito cálida, muito cálida.

P: Cálida?

Cálida, é assim, você fala hospitaleira.

P: Ah, sí.

Conosco eles são hospitaleiros. Tem alguma gente que como a gente é artesão así, mira um pouco errado, né? Mas a gente não, a gente é artesão, mas não é hippie entre parênteses, porque hippie eram dos Estados Unidos, né? Aqui não tem. Sabe do que estou falando?

P: No, não entendi. Aqui, não, não...

Então não vou complicar sua cabeça não.

P: Não, você disse, não, repete a palavra pra vê se eu entendo.

Oh, é, às vezes pergunta pra nós se a gente é hippie.

P: Hippie, ah, agora eu entendi...

Hayba! E a minha resposta é assim, é muy simples, não somos hippies, somos artesãos. Além de tudo hippie não existe porque hippie foi um movimento nos Estados Unidos contra a guerra do Vietnã, nos anos entre 70, entendeu? Aí como esse movimento era Estados Unidos, que eles tinham ideais que eu comparto certo, eu não gosto da guerra, não gosto da violência, gosto do arte, gosto do amor, gosto da música, da flôr, das meninas, das mulheres e da poesia e tudo isso. Aí eu seria e poderia também ser cristiano, budista, entendeu o que eu falo? Porque eles também amam a paz...¹¹

Ao me identificar como uma brasileira, possivelmente pertencente a esta cidade, a primeira atitude do Sr. Marcelo foi a de ressaltar o espírito hospitaleiro dos mineiros e conseqüentemente dos brasileiros, o que ocorreu também em outros momentos de suas narrativas onde buscou sempre reafirmar esta posição.

A tensão vivida em seu dia-a-dia é evidenciada quando ele fala sobre o relacionamento com algumas pessoas que lhes "*miram um pouco errado*"¹² pelo fato de serem artesãos e de existir valores socialmente difundidos e constituídos que negam este viver e esta forma de trabalhar, principalmente devido ao modo como expõem publicamente na praça seus modos de ser e de desempenhar seu ofício.

A maneira como essas pessoas se apresentam contrasta com o que foi legitimado como "o bonito e o correto". Esse modo de se fazerem presentes na cidade significa a busca por imprimir sua própria dinâmica e modo de viver no interior das relações no espaço público.

11 Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez na Praça Tubal Vilela, em Uberlândia, no dia 21 de fevereiro de 2006.

12 Idem.

Assim que a entrevista teve início, o Sr. Marcelo fez a distinção de quem foram os hippies afirmando sua proximidade a eles em alguns sentidos, buscando assim demarcar o lugar de onde está falando, assim como seus valores: *"eles tinham ideais que eu comparto certo, eu não gosto da guerra, não gosto da violência, gosto do arte, gosto do amor, gosto da música, da flôr, das meninas, das mulheres e da poesia e tudo isso"*¹³.

Essa importância dada em dizer quem "realmente" ele é despertou meu interesse em compreender essa referência como experiência de uma tensão vivida por esses trabalhadores.

A negação da imagem de hippie é uma forma de elaborar os sentidos e contrapor àqueles construídos e difundidos pelos meios de comunicação de massa que os ligam imediatamente ao "mundo das drogas lícitas ou ilícitas", à marginalidade ou à falta de vontade de trabalhar, e que de certa forma contribui para desautorizá-los e colocá-los num "lugar" de não-cidadãos.

Entendo este discriminar como um ato de violência que, segundo Marilena Chauí, é um ato que *"reduz um sujeito à condição de coisa, que viola interior e exteriormente o ser de alguém, que perpetua relações sociais de profunda desigualdade econômica, social e cultural"* (CHAUI, 2007: 6).

Por isso percebo que, por saber o que pensam sobre ele, em que lugar os grupos dominantes o colocam, busca resistir à dominação firmando sua presença de modo a requerer um reconhecimento social pautado nas relações e práticas do seu trabalho.

Por outro lado pode-se pensar que a forma como delimita seu pertencimento também está diretamente ligada ao lugar que identifica como sendo aquele que ocupo enquanto pesquisadora. Por compreender que esta pesquisa se tornaria pública, busca em sua narrativa firmar-se enquanto uma pessoa da paz em oposição às imagens que são vinculadas pelos meios de comunicação.

Em suas narrativas, tais tensões são expressivas dos modos desses latinos exprimirem os sentidos a respeito de suas diferenças, sobretudo por não terem nascido no Brasil. Nessa direção, chamou à atenção a dificuldade de lidar com um idioma diferente.

Mesmo sem colocar implicitamente o idioma como um problema a ser enfrentado, a narrativa do Sr. Marcelo possibilita perceber como as palavras vão sendo significadas por ele para que o diálogo possa acontecer:

É, vou te falar, em geral o mineiro é gente muito cálida, muito cálida.

P: Cálida?

Cálida, é assim, você fala hospitaleira.

P: Ah, *si*.¹⁴

13 Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez na Praça Tubal Vilela, em Uberlândia, no dia 21 de fevereiro de 2006.

14 Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez na Praça Tubal Vilela, em Uberlândia, no dia 21 de fevereiro de 2006.

Na constituição destes atos de fala com o outro é possível perceber a criação de uma estratégia para suas andanças pelas cidades brasileiras. Frente a um código lingüístico ainda não dominado é inventado um novo meio para comunicar-se que é forjado no contato com culturas diferentes. Ao continuar sua narrativa a atribuição de significados também prossegue:

Tem alguma gente que como a gente é artesão así, mira um pouco errado, né? Mas a gente não, a gente é artesão, mas não é hippie entre parênteses, porque hippie eram dos Estados Unidos, né? Aqui não tem. Sabe do que estou falando?
P: No, não entendi. Aqui, não, não...
Então não vou complicar sua cabeça não.
P: Não, você disse, não, repete a palavra pra vê se eu entendo.
Oh, é, às vezes pergunta pra nós se a gente é hippie.
P: *Hippie, ah, agora eu entendi...*¹⁵

Na relação constituída busca um lugar de entendimento, onde possa construir sentidos comuns. Os atos de fala são tecidos a partir do diálogo estabelecido na diferença. "*Então não vou complicar sua cabeça não*"¹⁶, diz ele reconhecendo as dificuldades existentes no diálogo e ao mesmo tempo buscando o entendimento para que seja possível ser compreendido na maneira como requer o seu reconhecimento enquanto diferente.

O mesmo ocorreu em outra entrevista quando perguntei ao Sr. Marcelo sobre a fiscalização e ele respondeu:

*Eles chegam mais o menos dez e meia da manhã aí a gente vai onze horas geralmente e como é o espaço do meio-dia, do almoço e tal eles van, porque é una cosa boa pra nós eles não tem a camiseta da prefeitura eles tão trabalhando, entendeu? Não tem uma sânia. Sabe o que é sânia así? Pra nós sânia é que eles estão como obsessivos com pegar gente, entendeu? Nada disso, entendeu?*¹⁷

Assim não fica difícil perceber que o contato com culturas diferentes impõe limites, criando fronteiras entre ele e as outras pessoas, o que fez refletir sobre possíveis angústias, dúvidas e medos, sentimentos que se fazem presentes no modo como vivem. Não se fazer compreender pode gerar o impedimento de satisfazer necessidades básicas como talvez de alimentar-se de forma adequada.

Nessa direção, fiquei pensando como a diferença entre os idiomas torna mais complexo o diálogo e é vivida por eles como uma tensão. Comunicar-se, fazer-se entender e ser compreendido é construído por eles em suas vivências nas relações que estabelecem e por isso é presença constante em suas narrativas: "*deixaram o monedero da senhora, donde guarda las moedas, como que fala vocês?*"¹⁸.

15 Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez na Praça Tubal Vilela, em Uberlândia, no dia 21 de fevereiro de 2006.

16 Idem.

17 Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

18 Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

Ao longo da produção das narrativas percebi que essa diferença é para eles o impacto mais imediatamente sentido e que acaba marcando suas narrativas. Durante a entrevista com o Sr. Alejandro Schwindt, argentino de 30 anos que se apresentou a mim como artesão, perguntei-lhe se houve dificuldades por causa da língua e ele respondeu:

É, ainda eu falo muito errado português só que dá para defender-me e eu gosto muito de é, desso, gosto, gostei desde primeiro momento que eu entrei no Brasil eu, quando eu cheguei ao Brasil eu não sabia falar nada em português, eu cheguei eu não sabia como falar pra comer, eu não sabia nada e gostei muito porque você vá a la força tem que aprender sí o sí, sí o sí tem que, que defender-se porque você tem que, que fazer las cosas cotidianas de la vida é, então, uno vá aprendiendo a falar e a defender-se.¹⁹

A dificuldade de falar o português fez refletir sobre os possíveis problemas que pode haver por não dominarem a língua. Fiquei pensando como se dão os primeiros meses de permanência desses trabalhadores, as dificuldades que se colocam para que possam “defender-se”. Mesmo as atividades que parecem mais corriqueiras como o comer pode se tornar para eles um desafio.

A Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, artesã, peruana de 33 anos, durante uma entrevista em sua residência também traz esta tensão que apareceu continuamente em nossas conversas – muitas vezes pelo constrangimento que sentiu ao não conseguir fazer-se entender claramente. Ao perguntar a ela se gosta de viver em Uberlândia, ela diz:

Não, primeiro, primeiro no porque... Foi difícil para mi, quando eu cheguei, eu no sabia o idioma. É, fui, fui aprendendo poco a poco, né? Com o dia-a-dia, saindo, aprendi a conversar, a comunicar-me com as pessoas e escutando, escutando e mais eu ajudava assim nas tarefas da filha que está na escola. É, aprendi mais um poco, isso, isso aí. [...] Para comprar alguma coisa primeiro eu tinha que olhar as pessoas, ver que comprem para eu comprar também, isso.

P: Mas assim, você fez amizade rápido com as pessoas?

É, não muito rápido, foi difícil, foi difícil por o idioma mesmo como estou repetindo, né? É, aí depois poco a poco eu fui saindo na reunião da escola de minha filha, foi mais, foi um poco mais fácil assim porque antes no, ficava em casa, no conhecia ninguém. Depois de meio ano así já conheci mais vizinho, a dona da casa que alugaram, tudo, fui saindo e foi melhor, foi melhorando mesmo.²⁰

Desta forma, os atos de falar com o outro para esta trabalhadora é apontado como um problema inicial a ser enfrentado durante seu tempo de permanência no país, o que a levou a construir estratégias para se fazer compreender e poder compreender também o outro. Assim, a forma como se

19 Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, na Praça Clarimundo Carneiro, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

20 Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 23 de março de 2006.

deu a comunicação trouxe elementos para pensar as dificuldades do contato entre estas pessoas e nós brasileiros.

Para apreender o idioma que lhe serviria como uma via para construir relações, essas pessoas passam a utilizar imagens, gestos ou traduções que buscam aproximar o que querem expressar e que lhes possibilitam “defender-se”²¹.

Por meio dessas narrativas percebo que a linguagem vai sendo construída no intercâmbio de culturas nas relações estabelecidas em suas práticas cotidianas. De acordo com Raymond Williams, compreendo que a linguagem é uma experiência ativa e em transformação, “[...] é, então, uma atividade material prática: é na verdade, literalmente, um meio de produção. É uma forma específica daquela consciência prática que é inseparável de toda atividade social material” (WILLIAMS, 1979, 44). Assim, as relações tornam-se fundamentais, pois é a partir das conversas com vizinhos, das reuniões na escola de sua filha, do contato com outros signos de linguagem que se fez possível criar estratégias para, não apenas permanecer, mas também se fazer reconhecer nas relações que constroem socialmente.

Apreender a língua e elaborar uma nova forma de viver são estratégias construídas ao longo dos dias, através do trabalho, do “olhar as pessoas, ver que compram”²², a superação do fato de sentir-se perdido frente a modos de viver, de uma cultura diversa que lhes é totalmente desconhecida. Também significa recriar seus modos de vida e aprender a se relacionar com o “outro” de forma diferente.

A Sra. Norca, quando lhe perguntei sobre como foram os primeiros meses no Brasil, sua adaptação, e se houve dificuldades, fala:

Um poco. É, o mais difícil foi pra entrar na sociedade, pra comunicarse com la gente de aqui, pra sair a fazer alguma compra; quando não sabe falar é difícil, é ruim. Algumas pessoas ficam rindo de, de nosso portunhol mal falado e otras pessoas que preguntam: “Ah, você de onde que é?” E a gente fala de onde somos e: “Ah que legal!” Algumas pessoas, né? Otros ficam rindo como uma burla así, é eso. E foi difícil e depois así que estoy entrando aí um pouquinho se aprendendo bem a conversar: É, não converso muito bem pero acho que dá pra entender não.²³

Nesse sentido, o intercâmbio de culturas é uma das formas para “entrar na sociedade”; sem ele pode haver dificuldades para construir relações que vão lhe possibilitar estabelecer-se na cidade garantido seu espaço e sua sobrevivência.

21 Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, na Praça Clarimundo Carneiro, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

22 Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 23 de março de 2006.

23 Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em sua residência, no dia 14 de abril de 2006.

Por outro lado, algumas vezes, também pode transformar a pessoa em um elemento exótico que chama a atenção e acaba por conduzir a um estreitamento de relações pela curiosidade que desperta.

Nessa direção, traduzo em suas narrativas que o sentir-se diferente ou “fora do lugar” acontece na tensão vivida no momento em que as relações são travadas. Ao mesmo tempo percebo que através do compartilhar de experiências sociais ou da segregação que acontece a partir daqueles que “*burlam*” do “*portunhol*” utilizado por essas pessoas, são forjadas as estratégias para viver em uma sociedade que muitas vezes pode não ser tão amigável ou solícita com as necessidades de quem vive de modo itinerante.

Na narrativa do artesão Marcelo evidencia-se como seu viver itinerante o fez experimentar e apreender diferentes modos de vida existentes em cada país que viveu. Percebo que a possibilidade de ser rotulado deixa-o incomodado, uma vez que isso significa também uma simplificação que anula suas diversas experiências de vida.

Continuando sua reflexão, o Sr. Marcelo diz:

*[...] eu não posso me auto-enganar e nem tenho que deixar atrás minha país, entendeu? Porque se nem eu não sou uruguaio, nem brasileiro, nem nenhuma coisa, eu sou um ser humano e eu reconheço a humanidade de todos os demais, incluso as otras raças por supuesto [...]*²⁴

Ao colocar como fundamental sua “humanidade” e o reconhecimento dela em todos os demais, este trabalhador negou uma identidade restrita numa referência que se oficializou, assim como as fronteiras construídas externamente às suas experiências históricas.

As identificações e os sentidos de pertencimento são construídos por ele nas relações sociais que trava por meio de seu trabalho, dos amigos e vizinhos, das experiências cotidianas que são vividas por ele e não podem ser simplificadas através de teorias, narrativas e símbolos nacionais que em muitos casos lhe são estranhos.

Nessa direção, “ser estrangeiro” torna-se um atributo exterior que não significa muito, a não ser as dificuldades que podem surgir durante seu tempo de permanência no Brasil, uma vez que a partir do lugar social que ocupa passa a se reconhecer também como cidadão neste país. Isto leva a pensar o direito à cidadania como um lugar comum, sem fronteiras.

Por não serem vistos como cidadãos brasileiros ao atravessarem fronteiras em busca de trabalho, esses trabalhadores passam a construir estratégias que, se por um lado transgridem as “leis”, por outro evidenciam os subterfúgios para burlá-las e entrar no país, permanecer nele e se relacionar com a legislação²⁵,

24 Idem.

25 Sobre a legislação que regulamenta a entrada, saída e permanência de estrangeiros no Brasil ver: Estatuto do Estrangeiro, Lei n. 6.815 de 19 de agosto de 1980. Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/Estrangeiros/Estatuto.htm>> Acesso em: 03 mai. 2006

constituindo assim um modo de viver na diferença.

Uma das estratégias, a mais visível e necessária à permanência desses trabalhadores, é a que diz respeito aos órgãos públicos. Em suas narrativas é possível perceber como burlam estes órgãos ao mesmo tempo em que criam meios para se inserirem neles.

Ao perguntar-lhe sobre as dificuldades que enfrentou durante sua viagem, o Sr. Marcelo, em sua casa, durante uma entrevista da qual a Sra. Carmem também participou, falou sobre um dos problemas que viveu quando estava em Santa Catarina:

Marcelo: O mais difícil pra mim é foi que aí mesmo e devido que eu ainda fumava, de vez em quando fumava um pouquinho é cigarros, né? Eu peguei com o frio e tal é uma doença pulmonar lá em...

Carmem: Muito grave, tenia, estava todo los dias com 40 de febre.

Marcelo: Tem, teve uma infecção e teve febre durante dez dias.

Carmem: E yo dizia vamos ao médico, vamos ao posto de saúde.

Marcelo: E eu sou muito cabezón.

Carmem: *Ele não queria.*²⁶

Viver no Brasil na situação de estrangeiro significa correr riscos e enfrentar adversidades, o que leva à elaboração de modos específicos de luta para permanecer no país, disputar lugares na sociedade e conquistar direitos.

Seu modo de viver que é visto como "ilegal", uma vez que não possui a documentação regulamentada para permanecer no Brasil, criou neste trabalhador uma expectativa acerca de como seria tratado se procurasse um órgão público para cuidar de sua saúde. Embora se perceba enquanto cidadão, devido sua "humanidade", ele sabe por suas experiências que as fronteiras ainda dizem muito e podem lhe trazer problemas.

Continuando sua narrativa sobre esta questão colocada, ele diz:

Marcelo: No queria ir ao médico e tomava aspirina hasta que um dia me senti muito ruim e fui a uma dotora que atendia...

Carmem: No posto de saúde.

Marcelo: Em um posto e ela falou: "Você tem que ir certo pra um médico especialista". Aí eu fui, eles não fizeram nenhum problema de CPF de nada. Me atenderam e me diram uma medicação.

Carmem: Ficou assim cinco dias tenia que internar.

Marcelo: Se em cinco dias isso não cortou volta que eu vou te internar cara, tá ruim pra caramba.

Carmem: Era todo lo pulmão.

Marcelo: *Meu pulmão fazia errrrrr, aqui na rua.*²⁷

26 Entrevista realizada na residência do Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

27 Entrevista realizada na residência do Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

Fica clara a tentativa de evitar o posto de saúde principalmente quando se refere aos documentos formais, no caso o CPF, que para ele seria um problema, pois este trabalhador tem consciência a partir de suas experiências vividas que existem leis, práticas formais e institucionais de identificar o “cidadão” e que também limitam e impõem como deve ser sua permanência em nosso país.

Estas regulamentações entram em conflito com a “vontade” de fundar a cidadania enquanto lugar comum, ou seja, “*de sua humanidade e no reconhecimento dela em todos os outros*”. A luta por seus direitos é desta forma vivida na dinâmica das relações sociais através das necessidades, sonhos, expectativas e barreiras que lhes são impostas²⁸.

Esta problemática permite refletir sobre como as fronteiras vividas são continuamente refeitas. Se por um lado seus atos de atravessá-las e suas presenças nos espaços das cidades explicitam um tempo de globalização, por outro os entraves e as mudanças não têm o mesmo sentido para esses trabalhadores. Assim, se o processo de globalização teria extrapolado as fronteiras do Estado-Nação, permitindo um mundo mais integrado, o que é possível perceber é que esta integração não se dá de forma tranqüila, mas através de tensões, de uma luta constante por direitos a diferenças.

Novamente o acesso ao tratamento público se fez presente em sua narrativa. Ao ser perguntado sobre as dificuldades que enfrentam por estarem em situação de ilegalidade o Sr. Marcelo diz:

Vou te falar, ela estava que nem eu agora quando chegou tinha dor de dentes, faz tempo atrás ela tomou antibióticos, é arruma um pouquinho, mas não o tratamento total, aí como estamos ganhando bem e isto eu tinha prometido pra ela, é, fizemos um contrato com Odontoclínic mas, Odontoclínic es uma clinica aí que está na rua debaixo, não sei como se chama, como llama la rua? [...]

P: João Pinheiro?

É, isso aí, na João Pinheiro, certinho. Aí falamos com la gorota, bueno, ah tá bom, eles fizeram parcelas mas no momento do contrato: “CPF?”, ah, não tinha mas eu estava procurando tirar porque eu tenho esses papéis pra ir, pra lá [...] Tenho até pagado meu CPF, só que faltava o comprovante de endereço onde eu estava morando aí eu pedi a senhora que também tenho tudo aí mas não voltei mais, não voltei mais. Mas eles já com esse papelzinho pra eles foi o suficiente e una declaración de lo que eu ganhava. [...] Eu tirei una declaração com um advogado aí, com um procurador, não sei como se fala, e com ela estava tudo bem, então firmamos o contrato e ela arrumou seus dentes lá.²⁹

28 Segundo Marilena Chauí os direitos são uma criação social, “realiza-se socialmente como luta social e, politicamente, como um contra-poder social que determina, dirige, controla, limita e modifica a ação estatal e o poder dos governantes” (CHAUI, Marilena. **Contra a violência**. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=3467>> (Site da Fundação Perseu Abramo). Acesso em: 01 abr. 2007, p. 10). É nesse sentido que percebo a luta por direitos como uma vontade, uma expectativa que os conduzem a resistir, a andar e algumas vezes permanecer imbuídos do desejo de também verem reconhecidos seus direitos de cidadãos.

29 Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

Viver a diferença significa enfrentar limites e tensões. Fico pensando nessa sua experiência com os órgãos de saúde e imaginando seu sentimento frente a essas dificuldades assim como sua vontade de ter garantidos seus direitos básicos, como o tratamento da saúde.

Essas tensões que aparecem nas narrativas desses trabalhadores latinos fazem refletir também sobre como a diferença é tratada de forma discriminada. Ao entrevistar o Sr. Alejandro Schwindt, perguntei-lhe se havia vivido algum tipo de discriminação e ele respondeu: "*É, tem gente que olha diferente, tem discriminación, tem muita discriminación aqui em Brasil com gente que faz artesanato...*"³⁰. A discriminação é percebida pelo Sr. Alejandro em relação ao trabalho que ele realiza, por isso busca fundamentar seus valores e desconstruir a imagem negativa que pesa sobre quem executa esta atividade:

*[...] pero también tem misturado entre artesanos tem muito malandragem también. E esos é muito ruim para nós por causa de que esse malandragem faz que a fama nuestra sea muito ruim, é porque tem gente que gosta de ficar muito bêbedo e fazer doideiras e também tem muito malandra assésinos que anda fugindo da lei é de traz de um pano é como que son artesanos e em realidad ellos não fazem artesanatos e tem por aí dos, três colares e já com eso viajam, entendió?*³¹

Sua identificação é construída a partir do que ele percebe das tensões vividas em seu dia-a-dia na relação com outras pessoas, tanto compradores, quanto fiscais ou os próprios "malandros" que também fazem parte de sua experiência cotidiana e dos quais ele procura se afastar.

São estas relações que o levaram a marcar sua diferença em relação a algumas pessoas que compartilham o mesmo espaço que ele, mas que não fazem parte de "seu mundo". Assim, este trabalhador reconhece a existência de uma diversidade de práticas entre aqueles que produzem artesanatos e que vivem como itinerantes, firmando, desta forma, seu lugar social enquanto um lugar de direito conquistado por meio de seu trabalho.

Ao colocar sua narrativa na dinâmica do processo por ele vivido, percebo que generalizações não são capazes de explicar as vivências deste sujeito. Ao narrar, ao mesmo tempo em que se percebe pertencente a um grupo, ele mostra que há práticas das quais não compartilha, apontando assim para os diferentes valores que, se forem vistos apenas a partir da dicotomia ou de afirmações generalizadas que busquem classificá-lo, não poderiam se entrecruzar. Seu relato permite ver as influências e limitações do viver em relação aos outros.

Nesse sentido, a discriminação ocorre não porque ele é estrangeiro, mas porque é um artesão, um trabalhador que não tem a prática do seu ofício reconhecida como trabalho por estar fora dos "padrões" estabelecidos³².

30 Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, na Praça Clarimundo Carneiro, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

31 Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, na Praça Clarimundo Carneiro, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

32 E. P. Thompson ao analisar os trabalhadores das fábricas problematiza como eles experimentam

Assim, a diferença, o estar fora dos parâmetros, se transforma em discriminação e o leva a buscar distanciar-se de certas práticas e/ou pessoas e firmar sua condição de trabalhador, buscando ser reconhecido enquanto tal:

Pero, eu essa, essa, esse tipo de gente evito muito porque essa gente pior ainda que fiscais, essa gente, tem gente bueno dessa pero, uno como estrangeiro se tiene que cuidar muito por causa de que no puedo perder mis trabajos porque se eu perdo mis trabajos aí estoy muy complicado e então é melhor... Muita gente, tem gente que é melhor ni conocer e por essa causa mi irmã é, nosotros también somos discriminados por muita gente que acham que uno em vez de ser artesano es malandro. Pero quando a gente viene, fica perto, troca idéia comigo é, olham mis trabajos, aí dá para, já entienden que uno es una persona trabajadora que gosto de trabalhar, dan contam que uno gosto de trabalhar e aí muita gente já troca su pensamiento é, sobre nós, pero tem gente que prefiere nim trocar idéia com nós, entón...³³

Este trabalhador reconhece que perder o que produz torna-se para ele uma situação mais complexa devido às dificuldades que poderá ter para continuar no Brasil. Ao falar que evita os “malandros” fiquei pensando quem seriam esses que ele adjetiva e quais necessidades são impostas a esse trabalhador para permanecer no Brasil.

Percebo que não é de qualquer pessoa que ele pode se aproximar, assim como não é qualquer atitude como “de ficar muito bêbado e fazer doiderias”³⁴ que ele pode ter, uma vez que, sendo “estrangeiro”, certos atos podem lhe prejudicar mais do que a outras pessoas que estão nesta mesma situação, mas que são brasileiros.

Nesse sentido, vejo que seu enredo também possibilita refletir sobre a problemática de ser visto como um estrangeiro, uma experiência de vida que o coloca em situação diferente das de seus colegas que dividem com ele o espaço das ruas e praças, alguns artesãos como ele, outros vendedores dos mais diferentes objetos.

Por mais que compartilhe com essas pessoas as mesmas dificuldades e lutas, o fato de ser estrangeiro não pode ser desprezado, pois, como diz em sua narrativa: “[...] uno como estrangeiro se tiene que cuidar muito por causa de que no puedo perder mis trabajos porque se eu perdo mis trabajos aí estoy muy complicado e então é melhor...”³⁵.

de maneira diferente os padrões de consumo, de expectativa de vida, de moradia, de trabalho. Ao analisar esses padrões Thompson traz importantes contribuições para a reflexão de como aquilo que parece “corriqueiro” faz parte de um processo histórico. Nesse sentido contribui para reflexão acerca do que é estar fora dos padrões considerados “normais” e quais limites e tensões marcam esta experiência. Ver: THOMPSON, E. P. Padrões e experiências. In: **A formação da classe operária inglesa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001. p. 179-224. v. 2

33 Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, na Praça Clarimundo Carneiro, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

34 Idem..

35 Idem.

Assim, são em momentos como os de fiscalização, por exemplo, onde todos correm os mesmos riscos de perder seus produtos, que os estrangeiros podem perder algo mais, principalmente os que se encontram em situação de ilegalidade.

Há ainda que se considerar que essas pessoas vivem e estão sempre sob as mesmas condições que todos os trabalhadores, pois o seu terreno comum de experiências compartilhadas é o de classe trabalhadora. Isto significa a ameaça constante do desemprego, da falta de dinheiro, da fome, entre tantas outras possibilidades. No entanto, acredito que os significados que esses sujeitos trazem, quando falam dessa experiência, também permitem refletir sobre o que significa ser considerado estrangeiro e o que isso implica em suas lutas cotidianas.

Assim como o Sr. Alejandro, também a Sra. Norca traz em sua narrativa elementos que permitem refletir sobre essa dinâmica de luta pela permanência, sobrevivência e pelo trabalho. Ao lhe perguntar durante uma entrevista sobre como é sua vida em Uberlândia, ela respondeu:

Trabalhando así dá, dá para sobrevivir. Aquí para vivir e tendo este negócio que nós temos é difícil por, por los fiscales. É, o ano passado foi que tava trabalhando um peruano também com esse mesmo artesanato, acho que estava em una cidade de São Paulo voltando, voltando do trabalho dele que foi na exposición, tava na rodoviária e pegaram tudo la mercadoria, tuda, deixaram sin nada. Se, é, entón, ele ficou así um poco, não um poco, ficou muito triste e começou de novo pero así emprestando dinheiro, é, pero mais también está trabajando, está na luta...³⁶

Esta possibilidade de perder os produtos que vende, ou o material que utiliza para produção de seu trabalho, é uma possibilidade que todos os trabalhadores que atuam na praça e não possuem licença da Prefeitura Municipal para realizá-lo têm em seu horizonte. Porém, no caso de estrangeiros esse problema pode tornar-se mais complexo, visto que, muitas vezes sozinhos, não podem contar com a ajuda imediata de seus familiares; se "ilegais" também correm o risco de serem extraditados.

Assim, embora compartilhem de forma similar as mesmas expectativas, tensões e desigualdades que as demais pessoas presentes na praça, diferenciam-se delas devido à condição de estrangeiro e ao mesmo tempo de "ilegal" que lhes é imputada pelas leis e fronteiras estabelecidas.

Esta situação implica serem vistos por alguns como fora-da-lei. No entanto, acredito que a cidadania não deve ser pensada segundo o estatuto jurídico de cada Estado, mas a partir do movimento das pessoas que constituem seu lugar dentro do processo de desterritorialização/reterritorialização. Nesta direção, compreendo que o sentido do pertencimento não é constituído pelo espaço, mas nas relações com as pessoas, desta forma, a questão não é de onde a pessoa é, mas onde deseja ficar.

³⁶ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 14 de abril de 2006.

Em relação a esta situação de “ilegalidade” é interessante perceber como nem todos os estrangeiros são estimulados a permanecer no país, o que conseqüentemente conduz a tal situação.

As leis que regem a migração no Brasil foram editadas em um período histórico marcado pelo autoritarismo. Aprovado o Estatuto do Estrangeiro³⁷ em 1980, foi sancionado em 1981. Suas determinações condizem mais com o regime de exceção pelo qual o Brasil havia passado do que com o momento de abertura política que estava sendo iniciado. Desta forma, o que prevaleceu neste Estatuto foi o caráter autoritário, onde a segurança nacional tornou-se fundamento para discriminar e fazer com que todo estrangeiro fosse visto como subversivo e prestes a colocar em perigo a sociedade brasileira. Por outro lado, abriu também espaço para que entrassem no país todos aqueles cuja vinda seria considerada oportuna para alguns setores técnicos com um nítido apoio ao capital privado.

Nessa direção, percebo que apesar de hoje a idéia de um mundo globalizado ser propagada juntamente com a possível flexibilização das fronteiras, estas ainda existem para aqueles que são considerados “mão-de-obra desqualificada”.

Mesmo sendo evidente o entrelaçar neste processo de globalização de uma diversidade de experiências e culturas, não podemos esquecer que isso se dá no interior de uma relação desigual de poder, o que gera conflitos e a tentativa de homogeneização de algumas culturas – mesmo que isto não chegue a acontecer –, assim como a busca por silenciá-las.

Além das questões apontadas, a narrativa do Sr. Alejandro também permitiu refletir sobre a auto-censura que se faz presente em sua fala. Esta auto-censura chamou minha atenção mais uma vez para o problema da discriminação e da imagem projetada sobre estes trabalhadores, tanto em relação a suas práticas quanto em relação a sua situação de estrangeiro.

Percebo em seu enredo que este sujeito realiza escolhas sobre o que é e o que não é conveniente falar e as interpreto como uma forma de resguarda-se, uma vez que não conhecia suficientemente a pessoa com quem estava falando: “[...] *essa gente, tem gente bueno dessa pero, uno como um estrangeiro...*”³⁸.

Ao lhe perguntar sobre o lugar onde estava morando este artesão seleciona o que para ele pode ou não ser dito:

*El barrio não posso falar porque não lembro, só por esso, não lembro o nome de barrio, em realidad eu não sei o nome de barrio, eu sei que el doño del hotel é um japonês, só sei eso, que es um japonês e que es muito boa gente e nada mas e já anteriormente eu parei nesse hotel.*³⁹

37 Sobre as condições de permanência no Brasil ver o Estatuto do Estrangeiro e o site da Polícia Federal. Disponível em: <<http://www.dpf.gov.br/>>. Acesso em: 03 mai. 2006

38 Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, na Praça Clarimundo Carneiro, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

39 Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, na Praça Clarimundo Carneiro, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

Esta auto-censura ocorre durante a entrevista não apenas porque o narrador sabe que está “infringindo” as leis brasileiras de permanência no país e conhece as concepções que os agentes públicos têm sobre os estrangeiros, mas principalmente pelo medo de que outras pessoas tomem conhecimento de sua situação. Ele sabe que seu visto está vencido e que está falando com uma pesquisadora que produzirá um trabalho que se tornará público. Por isso, além de selecionar, escolhendo cuidadosamente o que será dito, este trabalhador também procura justificar o porquê de continuar no país de forma “ilegal”, permanência esta que é assegurada principalmente pelo trabalho que realiza.

Ao lhe perguntar como iria para Argentina, já que disse que no fim do ano de 2007 voltaria para visitar sua família, o Sr. Alejandro diz:

*Acontece que faz, mas o menos quinze dias que acaba de salir um, una lei nueva agora com el Mercosul.*⁴⁰

P: Ah, é?

*É, que agora argentino puede tirar documentación em Brasil, brasileiro pode tirar documentación em Argentina e pode ficar de boa é em el país sin problema algum*⁴¹.

Por conviver quotidianamente com essas tensões ou temores esses trabalhadores ficam atentos às mudanças que lhes ajudariam a transitar “livremente”, buscando assim certas brechas que se abrem na lei principalmente para os países que compõem o Mercosul para que possa utilizá-las a seu favor. Ao continuar sua narrativa ele diz:

*Eu me enteré faz pouco tiempo, é foi muito bom pra mim por causa de que eu estava voltando, já estoy voltando pra Argentina é acho que el primero de diciembre eu vou estar em Buenos Aires e é eu já estava com um poco de temor em passar a frontera, pero agora com lo que sé volto contento.*⁴²

Este trabalhador tem consciência que o fato de ser estrangeiro deve estar em seu horizonte, o que diferencia sua forma de lutar e resistir em relação aos trabalhadores brasileiros que utilizam o espaço da praça para trabalhar. Cruzar a fronteira sem a documentação necessária significa transgredir leis estabelecidas correndo sempre o risco de sofrer sanções.

Por outro lado, tem expectativa de que sejam relaxadas as exigências entre países o que leva a refletir se esta também não seria uma forma de atenuar as fronteiras sociais que são construídas todos os dias nas relações estabelecidas e que são experimentadas por ele em seu viver.

40 Sobre leis, normas, decretos e resoluções a respeito da permanência de estrangeiros no Brasil, ver o site do Ministério da Justiça – Departamento de Estrangeiros. Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/Estrangeiros/default.htm>>.

41 Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, na Praça Clarimundo Carneiro, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

42 Idem.

Ao interpretar o enredo construído pelo Sr. Marcelo percebi que, assim como nas narrativas do Sr. Alejandro, o diálogo era delimitado por meio de certa censura. Ao lhe pedir para falar novamente, agora gravando, sobre o que aconteceu no dia em que os fiscais apreenderam suas produções, ele diz: *"Aquele que... você quer que conte de novo? Tá bom. Oh, aconteceu assim é, mais ou menos os fiscais tão chegando três vezes por dia, entendeu? Eso não é para os fiscais não?"*⁴³.

O diálogo construído nas entrevistas foi marcado por certa desconfiança, certo temor. O próprio problema da documentação nunca foi falado abertamente em conversas que estavam sendo gravadas, sempre que perguntava sobre isto a resposta era de que já estavam "providenciando todos os papéis necessários".

Esta tensão permanente na produção das narrativas faz pensar no por que da escolha destas pessoas em viver de forma itinerante, qual o motivo as faz optar por deixar seus países, quais sentidos atribuem às suas idas e vindas.

Ao longo das entrevistas realizadas percebi que esses trabalhadores construíam em suas narrativas diferentes sentidos para a escolha em vir para o Brasil. Seus enredos distanciam-se daquelas explicações que insistentemente os meios de comunicação divulgam. Se por um lado, alguns firmaram sua condição de vir para trabalhar, outros, ainda que se referissem ao trabalho, também apresentaram outras razões.

Em uma entrevista realizada na Praça Tubal Vilela com um jovem trabalhador argentino, o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, de 27 anos, perguntei-lhe por que ele decidiu ser artesão e ele disse:

*[...] quem é artesão como eu no viaja por causa de dinheiro, viaja por causa de conocimiento, enriquecer conocimiento, sabe? Aventuras, somos eternos adolescentes que buscamos aventuras a cada momento, entende? E le voy ti falar um segredo a maioria das personas que viajam son bem sucedidas em suas casas, com eso uma vida bem sucedida, às vezes és tão rotinária e aburrida que personas así precisam de emoções fortes e tratam de buscar, procuram las aventuras, passar fome, necesidad, dormir na rua pra poder se encontrar certo sentido na vida, sabia?"*⁴⁴

O que o Sr. Fernando expressou como aventura levou a refletir sobre qual foi a estratégia criada por ele para explicar o porquê da sua vinda e da sua presença enquanto trabalhador nesta cidade.

À primeira vista sua entrevista pareceu de uma pessoa que pouco valor tinha dado à minha proposta de trabalho, no entanto, a forma de retratar os motivos que o levaram a vir para o Brasil construindo uma imagem de si mesmo como uma pessoa aventureira e curiosa por conhecer outros lugares e países, transformou-se em um recurso que fez refletir sobre como, por meio desta

43 Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

44 Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 13 de março de 2006.

auto-imagem, ele estava contrapondo a possibilidade de que eu o enxergasse como uma pessoa desprovida de recursos e de conhecimentos, ou seja, como sendo um não-cidadão.

Outra questão que chamou a atenção nesse relato foi o modo como este trabalhador apresentou sua experiência de forma positiva, buscando construir a imagem de um sujeito livre e ao mesmo tempo bem-sucedido economicamente, pois disse não viajar por causa do dinheiro, bem como ser uma pessoa instruída e conhecedora da vida, procurando assim igualar-se comigo na sua diferença. Desta forma, não se coloca como vítima, mas apresenta as dificuldades pelas quais passou como aprendizado de suas andanças.

Ao ser indagado sobre como se tornou um artesão, ele diz:

Ah, curso... Curso de fome. É real, você passa tanta fome às vezes que não sabe o que fazer que alguma coisa tem que fazer, aí bom, a primeira coisa que você aprende nesse curso da vida é a fazer coisas com as mãos, e así tu começa fazendo uma pulseirinha com algum hippie que tu coneció o fazendo quebracabeças que son joga que se faz com arame e aí tu vai, cada dia es um, cada dia es um dia mais de conhecimento e medianamente tu vai aprendendo uma coisa e outra, e outra, e outra, e outra que tu chega certo momento que já te torna um artesão por própria força da natureza e a su vez, é, tu começa a gostar de criar coisas.⁴⁵

Ironizando, fala que ser artesão aconteceu de forma inesperada, pela necessidade de continuar a viver, por meio da experiência diária e das relações construídas com outros. A necessidade de sobreviver faz com que busque alternativas até que "*tu chega certo momento que já te torna um artesão por própria força da natureza e a su vez, é, tu começa a gostar de criar coisas*"⁴⁶.

Por outro lado, o que podemos perceber enquanto necessidade também inclui os sonhos, os desejos e as esperanças que cada sujeito carrega quando escolhe sair de seu país e, sobretudo quando reflete essa escolha a partir daquilo que vivera em suas viagens e em suas estadias em diversas partes do Brasil e da América Latina.

As experiências das mulheres entrevistadas e que também estavam na Praça Tubal Vilela trabalhando ou acompanhando seus maridos, trazem diferentes explicações, outros significados para suas andanças.

Perguntei a Sra. Norca, casada e mãe de uma menina de 13 anos, sobre o motivo de sua vinda para o Brasil, e ela disse:

É, meu esposo veio aqui a visitar, a visitar o irmão que estava aqui e gostou de, de, de Uberlândia, de aqui de Brasil e acabou ficando. Eu fiquei em Peru, fiquei três anos com minha filha. Ele achou, pensou voltar a Peru, pero mais ficou aqui. [...]

45 Idem.

46 Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 13 de março de 2006.

P: E o seu marido ajudando daqui?

Ele ajudou também um pouco porque ainda ele estava trabalhando para o irmão dele, para meu cunhado. Aí que ele não estava ganhando muito bem porque era funcionário, né?

P: E o que que ele fazia?

É, ele fazia así, este tipo de trabalho como você sabe, este de artesanato.

P: Artesanato também.

É, artesanato. Aí mandava um pouco de dinheiro, só um pouco não era muito también e eu trabalhei lá, eso que ajudo mais um pouquinho também pra por vir aqui. Três sin ver a ele; a minha filha deixou ele de, de quatro anos, quatro anos, quando ela estava, quando viajamos aqui estava de sete anos, sete.

P: Pequena.

Uhum. E la gente só se comunicava assim por telefone, só por telefone. Eu não estava para vir aqui, né? E até que chegué foi difícil para acostumar, foi muito difícil.

P: É, você tinha dito que quando você veio, no primeiro mês você não queria ficar, por que que você ficou?

Porque la familia tem que estar unida, é, tenho minha filha, el, um pai para a minha filha, estar junto los três, né? É por isso que fiquei mais também; para não separar a minha filha do pai também, né? É eso.

P: É importante, né?

*É eso sobretudo. Estar unido, trabalhar, estar na luta aí. Trabajamos los dois, é.*⁴⁷

Trata-se aqui de como a vinda para o Brasil possui um sentido diferente para as mulheres que, embora esteja também relacionado à necessidade de trabalhar, traz em seu enredo motivações que estão ligadas a afetos e valores morais. Aqui são os costumes que estão em questão, nem sempre é apenas a sobrevivência, a aventura ou mesmo a melhoria de vida que motiva a itinerância das pessoas. Atrrelados a isso, ou mesmo mais do que isso, estão os laços afetivos, o desejo de criar os filhos no interior “de uma família” que tenha a presença do pai. Esses laços afetivos também dão significância à luta cotidiana e são as referências morais de família e de um prosseguir, mesmo que com dificuldades, mas sem a perda do companheiro.

Referenciando-se em valores morais é que a Sra. Norca coloca como central a presença de seu marido. Ao narrar em quais condições se encontrava esta trabalhadora confere sentido à necessidade de não separar sua filha do pai. Sua opção em manter a família unida imprime significado aos papéis que cada membro na família possui, o que embora naturalize a função do marido como chefe da casa, não significa ao mesmo tempo negar sua própria importância para a economia familiar. Afinal, se buscarmos outro ângulo de visão poderemos compreender melhor como ela atua tanto nos espaços públicos quanto privados de seu lar. Agindo como mãe, como dona de casa, assim como em seus trabalhos

47 Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em sua residência, no dia 14 de abril de 2006.

fora de sua casa, busca soluções para os problemas que enfrenta como o de criar os filhos e então coloca a necessidade da presença do pai como fundamental para a união da família.

Desse modo, a luta pelo pertencimento a um lugar não ocorre desvinculada do que a pessoa é no seu todo: mulher, esposa, mãe, trabalhadora. Todos esses valores atuam conjuntamente no exercício de suas práticas sociais, compondo as formas de narrar sobre suas trajetórias e escolhas; por isso, entender esses sentimentos e motivações perpassa a visão a respeito dessas pessoas em suas relações e lugares sociais.

Nesse sentido, durante uma entrevista em sua residência, a Sra. Núvia Celeste Pacho Micalto, equatoriana de 34 anos, mãe de dois filhos e casada com o Sr. Edwin Lars Sota León, falando sobre sua vida no Equador, pauta seu enredo no trabalho que realizava:

P: Uhum. E como que era a sua vida lá? O que que você fazia lá no seu país? Eu trabalhava, né? Dava aulas...

P: Aqui então é diferente...

*Sou de casa agora. Diferente, muito diferente, mas vale a pena, né? Vale a pena por, por mis meninos eles estão felizes com o pai.*⁴⁸

Dentre as motivações para a vinda ao Brasil está a melhoria das condições de vida para família, mas apesar das dificuldades para conseguir dinheiro, suas motivações não estão apenas localizadas nos problemas de sobrevivência e na necessidade de trabalho. Afinal, essas mulheres possuíam emprego trabalhando dentro e fora de casa: no caso da Sra. Norca, no momento da vinda possuía um pequeno restaurante e, no caso da Sra. Núvia atuava como professora de inglês.

Nessa direção, a Sra. Núvia também traz em seu enredo as motivações de sua vinda ao Brasil firmada nessa necessidade da presença de um pai para a formação de seus filhos:

P: E, e assim, a situação que tava lá no país influenciou você a vir para o Brasil? Não influenciou nada não porque Equador está muito bem graças a Deus. Tuvo muito problema de economia com otros presidentes, mas agora el está muito bem só que influencia... Me venia aqui influenciou foi meu marido, né? Estar perto de ele, ele gosta de aqui demais e os meninos tem que estar com o pai, né? Criar, eles tem que crescer com el.

P: É, a educação, né?

*A educação. Porque eu estava sendo pai e mãe, né? Então ele tem que ajudar também por isso que eu vim mais aqui.*⁴⁹

48 Entrevista realizada com a Sra. Núvia Celeste Pacho Micalto, em Uberlândia, no dia 20 de abril de 2006.

49 Entrevista realizada com a Sra. Núvia Celeste Pacho Micalto, em Uberlândia, no dia 20 de abril de 2006.

O valor atribuído à presença do pai, o que lhe imputa responsabilidades e obrigações para com a família, parece fundamentar-se não apenas enquanto às necessidades econômicas, mas liga-se principalmente ao papel moral que desempenha frente à família enquanto trabalhador honesto. Sua presença parece ser a garantia do equilíbrio de seus viveres ao dotar, por meio da ética, do respeito o núcleo familiar, o que significa lhe imprimir dignidade.

Além disso, compreendo que essas mulheres buscam direitos à sua diferença de “ser mulher”. Dentro da situação em que vivem, elas imprimem no homem a função de chefe da casa para legitimar seus valores sobre a família, mas também, e principalmente, para se “defenderem” de uma situação de exploração onde elas são muitas vezes “pai e mãe”⁵⁰.

Por isso, essas formas de valorizar a família e de atribuir responsabilidades ao marido não podem ser vistas como um ato de passividade. Essas mulheres constroem seus lugares lutando por valores, e somam a esses valores uma resistência contra as injustiças que possam sofrer.

Já o esposo da Sra. Núvia, o Sr. Edwin, constrói em seu enredo outra motivação para sua vinda para o Brasil. Em uma entrevista realizada na Praça Tubal Vilela durante seu período de trabalho como músico, onde ele toca sua flauta e vende seus próprios CDs de músicas instrumentais, quando pergunto sobre os motivos que lhe trouxeram ao Brasil, ele diz:

Então, a gente como músicos que la gente é la gente já viajou muito, muita parte do mundo, né? Europa, parte de aqui de América como Equador, Colômbia, Venezuela, Bolívia, Paraguai, então, la gente viu una, una boa, boa expectativa de trabalho aqui, né? Faz tempo que la gente veio aqui que foi faz, mais ou menos a oito anos atrás, né? É, no tinha muitos músicos por aqui, né? Entón, era una novidade o trabalho andino que la gente faz, né? Os instrumentos de sopros entón la gente veio, apareceu aqui, né? Então, la gente gostou, foi ficando, ficando e ficou, né? Hasta ahora.⁵¹

Suas motivações estão mais ligadas ao valor do trabalho e à necessidade de encontrar um espaço cada vez melhor para desenvolvê-lo. Seus sentimentos pela família ou sua necessidade de amparo não são colocados em seu enredo como fundamentais, embora faça também parte de seus valores.

Por outro lado, estes sujeitos, mesmo possuindo diversas motivações para suas andanças, condições espaciais e temporais diferenciadas, podem ser ligados a uma experiência comum, ao trabalho que realizam, principalmente ao artesanato e à música.

Ao relatar suas trajetórias e experiências enquanto artesãos e músicos, estas pessoas falaram de suas condições de trabalhadores. Em suas narrativas, o trabalho constitui não apenas um meio de ganhar a vida, mas uma forma

50 Idem.

51 Entrevista realizada com o Sr. Edwin Lars Sota León, em Uberlândia, no dia 14 de junho de 2006.

também de criar laços e relações de pertencimento com a cidade e de se relacionar com as pessoas transformando assim suas experiências.

A vinda da Sra. Norca e da Sra. Núvia para o Brasil está diretamente ligada ao trabalho que seus maridos vieram realizar, assim como, aos seus sentimentos, afetos e o valor que dão à união da família e à presença do pai e marido. Também foi por meio do trabalho que o Sr. Marcelo, o Sr. Fernando e o Sr. Alejandro, entre outros, vieram para o Brasil.

Por meio do trabalho eles tornam-se pertencentes ao mesmo “mundo” dos brasileiros que utilizam os espaços da cidade como local também de trabalho e neste “mundo” criam identificações que vão sendo geradas e significadas constantemente.

Quando perguntado sobre as dificuldades econômicas e a falta de dinheiro o Sr. Alejandro, durante a entrevista na Praça Clarimundo Carneiro, disse:

Hasta agora é, eu nunca passei fome, é, se eu passei fome eu passei fome porque eu quise passar fome. É, pero se você es trabajador não tem porque passar fome, é, é, é difícil não solo para nosotros por lo jeito de vida que fazemos, é difícil pra todo la gente em general, é, eu acho que é difícil pra todos, é, la vida...⁵²

O que percebo nesta narrativa é que o Sr. Alejandro está dizendo sobre uma situação que ele vivencia não isoladamente, mas que faz parte da vida diária e do horizonte de possibilidades de todos os trabalhadores. O processo de visão do entrevistado que surge nesta narrativa traz elementos para pensar sobre como é constituído o dia-a-dia das pessoas que ocupam a Praça Tubal Vilela por meio de suas relações de trabalho.

A forma como apresentam suas situações permite a reflexão a respeito das experiências vividas por esses trabalhadores, as formas como resistem à fiscalização da Prefeitura Municipal que ocorre constantemente na praça, criando assim estratégias para viverem e permanecerem em Uberlândia como cidadãos. Formas de viver o social que em alguns casos os aproximam e em outros os distanciam dos trabalhadores brasileiros.

Extremamente complexo, o espaço que ocupam como um lugar de trabalho se constitui nas tensões e disputas, pois abriga diferentes pessoas que o utilizam de formas variadas e que o constroem socialmente por meio de sua luta por estar ali.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ARANTES, Antônio A. **Paisagens paulistanas**: transformações do espaço público. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

⁵² Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

CALVO, Célia Rocha. **Muitas memórias e histórias de uma cidade:** experiências e lembranças de viveres urbanos. Uberlândia 1938-1990. 2001. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Uma praça, numa cidade: patrimônio histórico e cidadania cultural. In: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KOURY, Yara Aun (Org.). **Outras histórias:** memórias e linguagens. São Paulo: Olho D'água, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Contra a violência.** Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=3467>> (Site da Fundação Perseu Abramo). Acesso em: 01 abr. 2007, p. 6.

CUNHA, M. Clementina P. Nação, um lugar comum. In: MACIEL, Laura A.; FENELON, Déa Ribeiro. Cidades; Introdução. **Pesquisa em História.** São Paulo: Olho D'água; Programa de Estudos Pós-Graduados em História, PUC-SP, n. 1, 1999.

HOBBSAWM, E. J. **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ORTIZ, Renato. El contexto mundial y el iberoamericano. In: **Culturas y sustentabilidad en Iberoamérica.** Barcelona: Interarts, 2005.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho; algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Revista Projeto História,** São Paulo, PUC, n. 15, p. 13-33, abr. 1997.

SARLO, Beatriz. **Tempo presente;** notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

SILVA, Marcos A. O trabalho da linguagem. **Revista Brasileira de História.** v. 6, n. 11, p. 45-61, 1986.

TELLES, Vera da Silva. A experiência da insegurança: trabalho e família nas classes trabalhadoras urbanas em São Paulo. **Tempo Social,** Revista de Sociologia. São Paulo, USP, v. 4, n. 1-2, p. 53-93, 1992.

THOMPSON, E. P. Padrões e experiências. In: **A formação da classe operária inglesa.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001.

WILLIAMS, Raymond. Língua. In: **Marxismo e literatura.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

Artigo recebido em 15/06/2009

Artigo aceito em 04/11/2009